

E. S. Hypolito Boiteux

O PETARDO

Clara Trento

Amae os homens

ORGÃO DE COMBATE

Exirpa os erros

ANNO I —

Florianópolis, 31 de Maio de 1913

— NUM. 1

O NOSSO JORNAL

Apparece hoje à luz da publicidade mais um intrepido paladino, que vai alistar-se nas fileiras da boa imprensa, não d'essa imprensa que espalha a calunia, a infamia e a desordem, mas d'essa imprensa que honradamente sabe competenetrar se da sua altíssima missão, que é educar, instruir e moralizar. N'essas fileiras, pois, nos alistamos desde já.

Tornava-se urgente o apparecimento n'esta cidade de um jornal, que desassombradamente, sem peias e sem tregos, sem receio e sem medo, defendesse, em termos energicos vibrantes, as verdades cristãs, os direitos e liberdades da Egreja, o clero e os católicos dos ataques insultuosos constantemente vibrados por aquelles que de racionaes só têm alma, si é que ainda creem na sua existencia.

Appareceu esse jornal, graças a Deus, é «O Petardo» que com toda a perícia, delicadeza e competencia saberá escalpelizar as putulas virulentas desses diffamadores da honra alheia, e explodir bem de cheio na frente dos que, não tendo que faser, passam a vida insultando as crenças de nossos irmãos.

Ahi vae «O Petardo», de fronte altaiva e magestosa encetar a sua carreira brilhante no grande apostolado da boa imprensa, empuhnando, não a espada de ferro que vence pela força, mas o estandarte da Cruz, que vence pelo amor.

•Amae os homens e extirpa os erros• eis a sua divisa.

SAUDAÇÃO

Fu me curvo, mais que nunca respeitoso, perante o teu nome, venerando a tua aureola especiosissima oh! intrepido «Petardo» que has de fulgurar como um sol a varrer da atmosphera dos povos as sombras do erro, e desentranhar jardins dos espíritos safaros e estercis!

Ah! devia ser n'um hymno grandioso que eu devera acclamar-te, saudar-te, e não na mesquinez d'estas linhas, que embora desataviadas, traduzem o meu entusiasmo e a minha ufanía pelos teu nobre apparecimento. Salve!

L. V.

Exmos. Redactores d'«O Petardo»

Amigos e collegas

Pedistes-me a minha humilde quanto desvaliosa collaboração nas columnas do nosso novel jornal -O Petardo».

Acceptei o honroso convite, porque declinal-o, seria commetter um acto de verdadelra pusilanimidade, e até de notável cobardia.

Creio bem que na época actual, contra os espiritos embuidos em doutrinas adversas, que nos malsinam e caluniam, torna-se necessário o concurso da palavra e da escripta de todos aquelles que presam os suas crenças e os seus direitos de católicos e de cidadãos livres de uma patria católica e livre.

Neste intuito, pois, podeis contarme no numero dos redactores d'«O Petardo», talvez o mais obscuro e incompetente redactor, mas o mais encorajado no combate á impiedade, á calunia, á injustiça e á perseguição dos soldados da Cruz.

Não sou valoroso e forte n' manej da pena, mas sou forte e valeroso na sinceridade da minha fé de christão, e ha de ser essa fé que, aliada á minha honra immaculada, vencerá os «pygmées» que contra nós surgiem raivosos.

Contae, sim, com o vosso

TARCISIO

Os Padres

Dentre todas as classes constituidas na humana sociedade, a mais ultrajada, a mais vilipendiada, a mais perseguida é, sem duvida, a classe sacerdotal.

E porque? Respondem d'ali os «vermelhos», os «tartufas», os «estúpidos», os «ignorantes»:

— Porque pervertem, corrompem e desmoralizam a sociedade.

As falsas assserções dos clerophobos, que espumam raivas e resfolgam flagelos, responde categoricamente «O Petardo»: Mentira. Nunca jamais os Padres foram acusados de taes crimes.

Observai! Observai o Padre nas diversas funcções de seu altíssimo ministerio, o que faz elle? Toma em suas mãos ungidas a humanidade, desde as mantilhas festivas do berço até aos crepes luctuosos do sepulcro, para guin-

dal-a das miserias e degradações da vida sensual e terrena às eminentes da espiritualisaçao e moralidade.

Observai. Quando o recemascido abre os olhos pela primeira vez e chora, descerra os labios e geme, ela que desde logo se lhe depara nos humbros do templo o vulto magestoso do sacerdote, que recebe em seus braços, como no berço da immortaliade, o filho lacrimoso da culpa, e, immergeindo-o na fonte regeneradora, apaga-lhe a mascula de origem, e compenetra-o das primeiras influências da vida sobrenatural e divina.

Mas o neophito da vida divina faz amanhã a sua entrada solemne no mundo, e o mundo corteja-o, sorrindo-lhe por entre as moitas de um jardim encantador, e offeracendo-lhe a taça esplumante dos prazeres.

Jovem, inexperieate, com o coração expansivamente aberto para tudo o que seduz, encanta, e inebria, colheu, delirante, uma dessas flores ephemeras dos magicos jardins do mundo, e trocou por ella a grinalda da sua innocencia. Bebeu soffrego o primeiro trago do prazer e trocou por elle os celestes festins da virtude. Ah! e o que aconteceu? A flor, apena colhida, desfolhou-se logo, deixando-lhe um lancinante espinho embebido no coração, e o prazer, apena haurido, desvaneceu-se logo, deixando-lhe amargas fezes no fundo da alma.

Triste, inquieto, flagellado pelo acero punir do remorso, o anjo decahido, se volve os olhos para o céo, baixa-os logo sobre si mesmo, uparecendo-lhe então a imagem lugubre da culpa, illuminada pelo relampago sinistro da justiça vingadora.

Um profundo desconsolo incomoda-o, um profundo desalento alquebra-lhe o animo; já não tem brios nem entusiasmo juvenil para se dedicar á familia de quem é o enlevo, á sociedade de quem é a esperança, á patria de quem é o porvir.

Crente, todavia, appella para a religião, volve os olhos para o templo, e que ver! Ve de novo o Padre, que assentado num throno de infinitas misericordias, enche de luz as almas escurecidas, verte doçuras nos corações ulcerados, e a todos restitue, por entre os hymnos festivos do céo e os rugidos desesperados do abysmo, a coroa da perdida innocencia, emperrada pelas lagrimas do contricto. E o prodigo, ao ver o Padre espalhando fé, esperança e amor, corre, voa para elle, e depois confiadamente naquelle

O PETARDO

seio condolente e inviolável o angustioso segredo do mal, que lhe exerce a existência; inclina-se humilhado, murmurando uma suplica de perdão, e o Padre derrama sobre elle uma bênção, e essa bênção é o anjo-iris da paz, que reconcilia o céo e a terra, a grandeza e a miséria, a imensidão e o nada, e transforma um criminoso n'um-justol. Que pôrtecosa benção aquella!

Um dia, porém, o redimido, que deve ao Padre os gozos mais puros, os dons mais preciosos, e as páginas mais brilhantes da sua vida, quer dever-lhe ainda a conagração de um acto, que vai abrir uma nova época para os seus destinos.

Apresenta-se-lhe á entrada da Egreja, trazendo no seu lado aquella que escolhera para ser o sacerdócio dos seus afectos, a desvelada companheira de seus dias, aquella que ha de suspender em torno d'elle as flores da vida, como essas delicadas trepadelias da floresta suspendem em volta dos troncos robustos as suas grinaldas olorosas. E o Padre vincula para sempre aquelles dois corações n'um só coração, banha o Thalasso corjugal nos aromas do mais puro amor, e converte o lar num templo e a família n'uma aprimorada escola de moralidade, onde se formam cidadãos prestantes, obdientes á lei, mantenedores da ordem e abnegadamente devotados à pátria.

Finalmente o momento derradeiro chega para todos. Morreu eis o termo de toda a história, o fundo negro de todo o que no esplendor da vida, o manfestó desconcerto no fulgurante e nocte do tempo. E quando a hora tremenda chega, e o mais corajoso estremece no fixar os olhos en torvados na sepultura aberta e na espetacular soledade do cemiterio, eis que nessa hora extrema se deixa ainda a figura magestica e serena do Padre, suspendendo-as mãos tremulos e crispadas do agonizante a crúz que fulgura como um raio de esperança e de conforto no meio das fúridas sombras da morte; e a vez do Padre que disse: «ao homem no crepúsculo do berço — sois para o infinito sol! — ven agora dizer-lhe ao mergulhar-se na profunda noite do tumulo — parte e confia! A profunda escuridão que te cerca vai suceder a eterna luz d'esse infinito Sol, que foi o objectivo do teu caminhar, do teu viver e do teu progredir sobre a terra».

Oh! como é veneranda a dignidade do Padre!

Mas que disse ea de tamanha dignidade?

Conta-se que Leonardo de Vinci, tentando colorir a cabeça do Salviati no seu admirável quadro da Cená, arremessou para longe a sua paleta inspirada, e deixou ligeiramente apenas esboçado aquele rosto divino,

que as tintas humanas só poderiam desfigurar.

Também eu, tentando descrever a grandeza e magnificencia do Padre Catholico, não fiz mais que traçar um ligeiro e incorrectissimo esboço, porque a linguagem humana será sempre pálida e amortecida para retratar um ente por todos os títulos venerando.

E no entanto ao Padre são arremessados todos os desprezos, todas as malevolencias, todos os insultos. Mas arremessados por quem? Peles tartufos, pelos «estupidos», pelos ignorantes.

L. A. R. V.

(Continua)

UM AMIGO DE IMPROVISO

Ao autor da carta anónima dirigida ao jornal «A Epoca»

Indo ha dias acompanhar um colega da redacção a bordo do paquete Iapema, lá foi-me apresentado um cavalheiro de fino trato e de fino porte, com quem travaram amistosa palestra e intimas relações de amizade.

Não sei como odiado nos puchões a conversa sobre a Republica Portuguesa, o que é certo, é que o tal cavalheiro amigo revelou-se-me um monárquista enrage.

Falou, gritou, barafustou tanto contra a Republica Portuguesa que eu já tremia com o medo de que por ali estivesse algum carbono o português, que nos arrastasse para as penitenciarias de Lisboa.

Como o paquete estivesse preso a sair, disse-lhe á quicma roupa: «Meu caro, a conversa está excelente, mas é tempo de terminar. Pode V. fazerm-me o favor de rasbar no papel, mais ou menos, o que acabou de petardear em palavras e em gritos?»

Sim, senhor, e já.

Pegou da pena, e de um só folego escreveu umas quatros tiras. Ao despedirmo-nos deixou cair na minha mão o artigo seguinte:

Quem antes do dia 5 de outubro de 1910 se desse ao trabalho de relançar a vista pelos cafés lisboetas, esbarrava infallivelmente com uma caterva de magrizellas, sem eira nem beira que, junto das meias-limpas de comes e bebes, chupavam a porcaria das uñas, ao mesmo tempo que berravam e gesticulavam contra a bambochata monárquica.

Toda essa tropa fandanga republicana por «sport» e só deixava echar besta a Hitler e a Galándro ao João Franco quando algum palerma lhe mettia nos bicos uma sandwich e lhe punha sob as ventas

qualquer mixordia vinhateira. A galenga revolucionária acunhava então e tolhia aquella gente rica e os queixos desemburacadamente, arre galando os olhos de zustação.

Não vamos dizer jij, tin-tim por tin-tim, quem são esses patusecos.

Tão frequentemente elles se mostravam ao respeitável publico, com as suas fatigas estatutas e sebosas, arrancando do caço os conhecidos ovos de píolho e solicitando nos intervallos de mimo estendida, a finca de lhe emprestar em uma corda, que os seus nomes se popularisaram pela mesma razão por que de vez em quando se falla no Chico Teso, no Petz das Gravatas, no Pilulas e outros gatinhos e ruídos encantados na malandragem. Não reproduzimos por ora os seus nomes plebeus, porque tal coisa equivaleria a um reclamo extemporâneo para os seus detentores. Mas prometemos a estes biographados individualmente na primeira oportunidade.

Neste momento só pretendemos fazer uma narrativa simples e esquemática de phantasia. No dia 5 de outubro de 1910 permanecemos em casa. Pertencemos ao numero das raras criaturas que não arriscaram a porca da vida na Roça da. No dia 6, no dia 7 no dia 8, no dia 9 do referido mes continuamos mettendo no cataculo onde dormimos. Dias depois, como o heróismo de toda a gente tinha recolhido a penas á espera da grandeza patriótica, resolvemos sahir. Fomos deslumbrados e boquiabertos. Os fungos provincianos pesaram as ruas, a trote, ensurdeceram-nos com o toque desalmado de hymnos miscelâneos. As casas dos monárquicos exhibiam nas janelas largos panos verdes e encarnados. As meninas de Baixa, que ate essa data só admitiam o chifre farol, faziam um berreiro medonho à passagem dos varcos tribunos do povo. Limlim, a população inteira d'esta gramínea cidade de fuzileiros públicos, nomeados pelos ministros realengos, mostrou-se nos radiantes de alegria e republicana degemba...

Ao entardecer fomos dar um giro pelos cafés. Queríamos ver as caras dos taes magrizellas, sem eira nem beira que, junto das meias-limpas de comes e bebes, chupavam a porcaria das uñas, ao mesmo tempo que berravam e gesticulavam contra a bambochata monárquica. Não os vimos. Ficámos surprezados. E então o mais gallego de todos os criados, interrogado por nós sobre o paradeiro d'aquelle multa, teve a gentileza de informarnos.

— O que é feito do sr. Fulano? — Não sabe? — governador civil... — E o sr. Cicero? — E' administrador de um dos bairros...

O PETARDO

— E o sr. Beltrano?

— É comissário da república junto d'uma Companhia...

— E o sr. X?

— É funcionário do Banco de...

— E o sr. Z?

— É secretário de legação...

O bom do gallego desfou ainda um rosário de funções chorudas, lambidas soltamente pelos indignados meninos! E, como percebesse a dúvida na nossa physionomia, não esteve com mais explicações. Agarrou-nos por um braço, conduziu-nos até à porta e, mal chegámos alli, apontou-nos para a multidão que passava, fadadora e desavergonhada, pedantesca e imbecil, em frente do café:

Talvez os aviste... Talvez consiga reconhecerlos...

Avisou-nos realmente. Mas quasi não os reconhecemos. Eneasacados, elegantes, muito bem escovadinhos, com as botas engraxadas e chapéus lustrosos, mostravam-se olympicos e cumprimentadores. Alguns d'elles abraçavam femeas apuradas, sedosas, com chapéus de metro e meio, cheios de plumas que custam um dinheirão, e de vez em quando tinham sorrisos escarnecedores e trocistas para a gentilha que passava rota, miserável, farta de trabalho. Quasi não os reconhecemos. Pois se algumas semanas antes elles constituíam a tal caterva de magrizellas, sem eira nem beira, que junto das mezas limpas de comes e bebes chupavam a porcaria das unhas, ao mesmo tempo que berravam e gesticulavam contra a baunhochata monarchica...

Está de X. P. T. O. Que pena não passar mais por aqui aquelle cavaleiro de fino trato e de fino porte, com quem travei amistosa palestra e intimas relações de amizade a bordo do paquete Itapema!

Que pena! e que pena!

NEMO.

O PETARDO é a melhor arma de combate acerino contra os inimigos da Igreja.

CORREIO DA CASA

Caríssimo amigo Tarceio

Os dois artigos que V. mandou sairam publicados; porém o «outro» vinha em termos tão claros e franceses que achamos por bem não lhe dar publicidade. Leia hem a lei da imprensa! Nome por extenso.....

Com relação aos documentos, que provam nitidamente a ilegalidade do recebimento do soldo, não ha dúvida; publicámos-os na íntegra.

«O Petardo» aguarda ansioso a brillante colaboração do intelligent pedarista «Ghico Péreirea» cuja pena é de alto valor psychologico.

ESTILHÇÕES

O ultimo numero do pasquim que é forjado à beira do rrego que corre pelos fundos da Tromqueira, vem querendo explorar o caso do telegramma anonymo, transmitido de Joinville. A explicação já foi dada ao publico sensato e portanto esmagado o calumniador.

Agora devo dizer nos pasquinéis, imundos que, corridos a chicote, devem ser esses espertalhões que se aproveitam de certas oportunidades para illudirem o Governo, pleiteando causas, cujo direito não lhes assiste e conseguindo assim pensões injustas como acontece com o celebre Marquez de Pombal, Chrysa, Cavanha, ou coisa que o valha; corridos a chicote devem ser esses desclassificados que, pelos cafés botequins e sargentas vivem pregando patriotismo, quando á socapa commettem crimes que envergonham a Pátria; corridos a chicote devem ser esses malfeiteiros que procuram arrancar a fé do coração da mocidade, dando-lhes em troca a pedra, o puñal e o dynamite.

PETARDEIRO

Todo o católico deve assignar O PETARDO.

VERDADES AMARGAS

Ao «Antônio Silvino»

Com ganancias injustas quis medrar o rei Saul; por isso, não somente elle, mas toda a sua raça e descendência foram privados do poder real.

Com lucro injusto quis aumentar as suas riquezas o rei Acab; por isso, não só elle, mas toda a sua família tiveram fim muito violento e desastrado.

Dos dinheiros mal adquiridos, não pode-se colher algum proveito, pois não pode servir para nada de bom o que se grangeia mal e ilegalmente.

SEGRENI

O PETARDO exfoliou certeiro no peito dos caluniadores da honra alheia.

A TEMPERA D. O PETARDO.

Oiça do canhão stampido medonho;
Sinta o frio cutelo na garganta.

Meu coração não teme, nem se es-

spanta;

Oiço e sinto e conservo-me risonho,

Se contra mim vier uma espada al-

ficada,

E em roda me cercarem mil punhaes
Entre echos e alaridos infernaes,
Não me perturbo nem altero em nada.

S. B.

O Pe. BELLARMINO

Quem não conhece o Pe. Bellarmino?

O Pe. Bellarmino é o Padre elegante, o Padre janota, o Padre que rido da nossa melhor sociedade.

Ao verem-no passar direito caprulado agitando a sua bengala com fulzente castão de prata e pendurado num saboroso charuto ou num delicioso cigarro Elite, todos os corações ardem, todos os peitos estremecem e todos os labios se abrem para o sorriso e para o encanto, deixando cair estas doloras palavras. Que Padre tão bonito! Que pena elle ser Padre!

No ha ninguem na nossa Capital que não o admire, aprecie e aplauda.

No pulpito é um Chrisostomo a derramar eloquencia, e um Vieira a jorrar estylo, e quando qualquer moça boita deseja contrahir Matrimonio perante o altar de Deus, lá vai o Padre Bellarmino enlaçar para sempre duas almas n'uma só alma, dois corações n'um só coração, tendo antes pronunciado aos noivos umas palavrinhas tão doces, tão encantadoras, tão tocantes, que fazem despertar o appetite ao Matrimonio, ainda ao mais rebelde solteirão.

E', na verdade, um Padre moderno, um Padre da moda, o Padre Bellarmino!

Comprehendendo que o Padre não deve sujeitar se perpetuamente á reclusão do presbyterio, encontramolo amiudadas vezes nos cafés da praça, no restaurant do chiquinho, tomando um copadio de cerveja e nos bilhares do Casino jogando a sua tacada. Diverte-se no jardim Oliveira Bello em amistosa palestra, e passcia pelas ruas da capital elegante e aprumado.

Que Padre tão bonito!

Com todos estes predicados que lhe grangeiam as sympathias de todos, crêmos bem que o Padre Bellarmino não está livre de ser rapado, pois já para ali ouvimos dizer que elle tem «quatro» noivas escolhidas dentre as mais bellas e formosas moças da nossa capital, encantadoras como o florescer de uma primavera, sorridentes como o acordar da aurora e puras como um pensamento do céo.

Que essas «quatro» noivas disputam entre si a primasia da posse tão bonito e intelligente moço, também nós o ouvimos dizer.

Mas «quatro» noivas para um só?; achamos de mais. Da-e-lhe uma só! então vereis um espantoso contraste! Elle que tantas vezes celebrou actos matrimoniaes esmaltando com phra-

O PETARDO

ses encantadoras a fronte esbelta das noivas, ouvirá da boca do Revd. Padre Topp, no momento do seu «conjunto vos», phrases desalinhadas e incorrectas em portuguez assassinado. Que contraste!

Mas «quatro» noivas?! Isto só cabeças desmioladas e ócas.

Si os Padres na vossa opinião são homens como os outros homens, dæ ao Padre Bellarmino uma só noiva ou não lhe deis nenhuma, pois lembrai-vos, desgraçados, que os parcos proveitos do seu ordenado não chegam para sustentar quatro lobas, que querem comer do bom e vestir do melhor.

Acceleite o Pe. Bellarmino estas expressões sinceras da nossa amizade e sympathia, pedindo-lhe não se esquecer de convidar para os doces os Redatores do «O Petardo», que lamenta ausencia completa da sua brilhante collaboração, rogando-lhe mais o favor de admittir de baixo da mesa os atrevidos anunciatores do seu consorcio, para esbrugarem as cascas do queijo e lamberem os pratos do doce.

L.

APOTHEOSE

O «Clareia» tanto gritou, que agora parece-nos que vai chegar ao termo de suas aspirações, pois consta-nos que um grupo de malandros pretende brevemente arrancar do altar-mór da Cathedral a imagem de N. Senhora do Desterro, a que elles chamam «santo burro», para lá colocarem o burro «Santo Chry».

No proximo numero começaremos a autopsia ao indecente «Clareia», que não respeita crenças, nem famílias virtuosas e honestas.

Esperem, cobardes, esperem, que a calva h. de ficar bem à mostra.

O PETARDO respeita todas as crenças, quando elas são sinceras e não perseguem as dos outros.

UM TELEGRAMMA ANONYMO

Appareceu publicado na «Folha do Commercio» um telegramma anonymo procedente de Joinville, em que se accusava o revd. Vigario d' aquella parochia de ter pregado contra a Republica Brasileira.

Os catholicos desta cidade ao temer conhecimento da publicação de tal telegramma, apressaram-se a telegraphar ao revd. Vigario a fim de saberem o que havia de verdade sobre o caso.

A resposta que de lá veio, foi esta: «Mentiras. Preguei sobre o respeito devido á autoridade, tanto na Republica como na Monarchia».

Estava, pois, desvendado o misterio. O telegramma não foi mais do que uma vil calumnia arremessada á face do Vigario de Joinville, e um pretexto para excitar odios á classe sacerdotal, e por isso á religião que nós sinceramente professamos e denodadamente defendemos.

Já por sua vez a «Folha do Commercio» não andou bem em ter publicado um telegramma sem assinatura Talvez que o publicasse a titulo de curiosidade, mas deveria lembrar-se que a publicação do telegramma não deixava de ser insidioso para o Vigario de Joinville, e que iria acirrar o espírito dos anteclericaes cá da terra.

E foi o que aconteceu. O primeiro que ficou radiante de alegria foi o «Antonio Silvino», e depois delle os seus queridos discípulos. Falava-se até já por ahí á meia boca que os miseráveis clerophobos iam realizar um «meeting» na Praça para protestarem, de faces congestionadas pela raiva e pelo odio contra o pobre diabo do Padre, que nem uma só palavra dirigira contra a Republica Brasileira.

Nós chegámos á véspera, por ahí, esses maltrapilhos, que á maneira de bandidos planejando um roubo, estacionavam nas esquinas das ruas commentando baixinho o traia ardilos da injuria e da calumnia, que a sua filial de Joinville enviara pelo telegrapho para esta capital.

Nós chegámos á véspera, sim com as faces rubras, dentes arre-ganhados, fauces abertas e garras aduncas, como que lambendo-se já nas tripas de algum Padre ou de algum carola.

Porque não saciaram elles a sede ardente do odio e da raiva que lhe devora as entranhas? Porque Chamae, miseráveis e desgraçados, chamam os vossos irmãos da deshonra e da calumnia para protestarem em «meeting» contra a pregação do Vigario de Joinville?

Todos nós, catholicos e não catholicos, ateus ou livre-pensadores, temos o direito de levantar um protesto em publico ou em particular, quando se nota qualquer desarranjo na machina social; mas protestar contra as falsas acusações insertas n'um telegramma anonymous, isso pertence a nós, e fascinol-o com altivez, com honra e sem medo. Protestamos energicamente.

Já lá vai o tempo em que qualquer typo adverso á Egreja, celebrava um «meeting» para excitar o povo ignorante, mas bom, á perseguição aos Padres e á Religião, aos frades e ás Freiras. Fazei-o hoje, cobardes, e vereis então o que acontece:

Ao nosso lado estarão os bons de coração, e os limpos de consciencia; ao vosso lado estarão os sujos de carácter e os de coração perverso.

Ao nosso lado estarão os mantenedores da ordem e da paz; ao

vosso lado os desordeiros e os pertubadores do soccgo doméstico.

Ao nosso lado estará a autoridade aquem votamos todo o respeito, toda a veneração; ao vosso lado estará o «Antonio Silvino», comandando uma tropa insubordina da, asquerida e nojenta.

Ao nosso lado temos as famílias mais distintas da nossa capital, que entendem, que defender a religião catholica, é o mesmo que defender a herança de seus paes, e o patrimonio de seus filhos; ao vosso lado tereis a ralé, a sujida, o excremento da cidade de Floriano-polis. Nós, os catholicos, somos a maioria; vos sois a minoria sem ordem e sem disciplina, sem credito e sem reputação.

A' luta, católicos, que a vitória é nossa.

TARCISIO



BREVEMENTE

Succesos

Successos

O HOMEM E A MULHER ou o «Chienello da Margarida». Drama por um distinto collaborador d'«O Petardo», cuja ação passa-se em S. José.

UM HEROE DO PARAGUAY, que illegalmente se lambusa com os cobres da Nação. Mysterio devenido pelo «O Petardo».

UM CARBONARIO PORTUGUEZ EM ACCAO NO ESTADO DE SANTA CATARINA. Soberbo e magistral artigo pel Tarcisio.

«A Escola das Freiras e a Escola Normal». Esmagador artigo para o qual chamoamos a atenção das exmas. famílias.

Comunicamos aos nossos estimáveis assignantes que na «cabine» d'«O Petardo» ha material de primeirissima ordem.

Não sendo necessário por enquanto, dar sessões todas as semanas, daremos uma só sessão por mez mas com artigos de grande metragem.

Petardeia Petardo!

EXPEDIENTE

Redatores Diversos

Secretario da Redacção—Rodolfo Veiga de Faria.

Assignatura—por mez 500 rs.

Considera-se assignante d'«O Petardo» toda a pessoa aquem for enviado e não o devolver.

Rogamos aos estimados colaboradores a fineza de remetterem os seus artigos devidamente assignados, alem do pseudonymo, até ao dia 15 de cada mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Secretario da Redacção, R. Almirante Alvim, 26.